

JORNAL DO COMÉRCIO: JARDIM BRASILEIRO D'AS FLORES DO MAL

Doutorando Ricardo Meirelles(USP)¹

RESUMO: *No Jornal do Comércio, Felix Pacheco, seu diretor, publicou, além de cinco livros, vários artigos e diversas traduções, suas e de outros, de poemas do livro Les Fleurs du mal, de Charles Baudelaire; essa nova onda baudelaireana (1931-33) promoveu um importante diálogo entre literaturas: traduzir e publicar Baudelaire, nesse momento, parece provocativo e serve como exemplo de resistência a uma estética com poucos rigores formais e mais liberal, que era o Modernismo, eminentemente paulista, ao mesmo tempo que acompanha uma reabilitação da imagem de Baudelaire na França, iniciada anos antes por Paul Valéry; é certo que as importantes publicações do periódico de Pacheco, o Jornal do Comércio, concorreram para suscitar um novo enfoque brasileiro da importante obra francesa, bem como incitar outros poetas a dialogarem com ela.*

PALAVRAS-CHAVE: *Baudelaire, tradução, poesia, Jornal do Comércio, Felix Pacheco.*

Introdução

Este trabalho parte da reunião das traduções dos poemas do livro *Les Fleurs du mal*, de 1857, do poeta francês Charles Baudelaire, publicadas no Brasil – compreendida, primeiro, pela minha dissertação de mestrado (MEIRELLES, 2003), sendo que agora estudo principalmente aquelas realizadas a partir de 1957 – e procura refletir sobre a relevância e o diálogo dessas traduções dentro da história da literatura brasileira e sobre qual é o posicionamento por elas manifestado em relação à obra francesa.

Tendo em vista que esse não é um estudo definitivo sobre a recepção do livro de Baudelaire no Brasil, o levantamento realizado contribui como ponto de partida para qualquer análise posterior sobre a influência do mestre francês em nossa literatura, visto que através das traduções é possível determinar os sintomas principais de uma influência e indicar os rumos por ela tomados (BARBOZA, 1974, p. 25).

Vários autores se preocuparam em verificar como e porque se deu a influência de tal livro francês ao longo da história da literatura brasileira: primeiro, Félix Pacheco (1933) escreveu inúmeros artigos de jornal e quatro livros sobre o poeta francês. Em 1957, Haddad (BAUDELAIRE, 1958) lança a primeira tradução integral do livro e expõe um levantamento de quem e quando se traduziu cada poema. Em 1963, Bastos (1963) lança o seu *Baudelaire no idioma vernáculo*, em que se preocupou em determinar e registrar quem, quando e onde se deram traduções do livro no Brasil. Em 1985, Junqueira (BAUDELAIRE, 1985) faz acompanhar sua edição integral de uma extensa referência bibliográfica sobre as notícias de traduções, integrais ou parciais. Finalmente, Jouët-Pastré (1999) em sua tese *Jogos de poder nas traduções brasileiras d'As Flores do Mal* reúne os três levantamentos anteriores, além de acrescentar em sua lista novas descobertas e as traduções de publicação mais recente.

Ao contrário das iniciativas anteriores, este trabalho, determinado em não se limitar apenas ao endereçamento bibliográfico, procurou colecionar de fato todas as traduções, partindo da coleção pessoal, de professores, amigos e outros interessados nos poemas do livro francês, além de tomar como base todos os levantamentos conhecidos e relacionados até então, recolhendo o maior número possível de traduções, verificando *in loco* suas publicações e registrando em um banco de dados todas aquelas encontradas, compondo assim uma extensa e significativa baudelaireana.

Dos diversos poetas brasileiros que se aventuraram a traduzir poemas de Baudelaire – mais de sessenta, sendo que apenas três o fizeram por completo – alguns deles se sobressaíram não só pela sua filiação ao bardo francês, mas também pela apropriação e transformação que operaram ao produzir tanto suas traduções quanto seus próprios poemas. Dentre eles, o piauiense Felix Pacheco é um dos que se destacam, não pela sua exemplar qualidade poética, nem pelas traduções de diversos

poemas, mas, mais do que isso, pela empatia explícita e manifesta com os princípios poéticos do poeta francês, o que o levaram a publicar e a promover largamente suas palavras e suas idéias.

1. Jornal do Comércio: jardim brasileiro d'As Flores do Mal

O Jornal do Comércio sempre foi um importante jornal econômico brasileiro e é o mais antigo diário em circulação ininterrupta na América Latina até aos nossos dias. Teve sua origem no Diário Mercantil, em 1824, com Francisco Manuel Ferreira & Cia., editado no Rio de Janeiro, voltado para o noticiário econômico. Adquirido por Pierre Plancher por 1:000\$000 (um conto de réis), teve o seu nome mudado para Jornal do Comércio, em 31 de Agosto de 1827.

Pierre Plancher, que se imortalizou por tê-lo criado, foi seu editor até 1831 e teve como sucessores na sua direção os franceses Junius Villeneuve, Francisco Picot e Julio de Villeneuve (filho do primeiro e cunhado do segundo) que mantiveram o importante diário até 1890; no período de 1890 a 1915, sob a direção de José Carlos Rodrigues, contou em suas páginas com os nomes de Rui Barbosa, Visconde de Taunay, Alcindo Guanabara, Araripe Junior, Afonso Celso e outros. Era então editorialista José Maria da Silva Paranhos Jr., o Barão do Rio Branco.

O sucede o Comendador Antonio Pereira Botelho, quando já chefiava a redação Félix Pacheco que, em 1923, assumiria a direção e a propriedade da empresa. Homem de alto saber, Félix Pacheco coligiu materiais que estavam espalhados e organizou um histórico sobre o jornal; morreu em 1935, sucedendo-lhe Elmano Cardim, que até 1957 comandou o tradicional diário, além de integrar a Academia Brasileira de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a ABI, sendo intelectual de grande valor.

A partir de 1957 e até 1959, permaneceu sob a direção do Prof. Francisco Clementino de San Tiago Dantas; de 1959 para cá, o veteraníssimo jornal integra os Diários e Emissoras Associados, organização de Assis Chateaubriand; em 2005 expandiu-se, inaugurando sucursais em São Paulo, Brasília e Belo Horizonte, onde passou a ser comercializado em bancas.

2. Félix Pacheco: poeta e publicista

José Félix Alves Pacheco, jornalista, político, poeta e tradutor, nasceu em Teresina, PI, em 2 de agosto de 1879, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 6 de dezembro de 1935. Eleito em 11 de maio de 1912 para a Cadeira n. 16, na sucessão de Araripe Júnior, foi recebido em 14 de agosto de 1913, pelo acadêmico Sousa Bandeira.

Filho do magistrado Gabriel Luiz Ferreira e de Maria Benedita Candida da Conceição Pacheco, fez os estudos primários no Colégio Karnec, em sua cidade natal. Em 1890, trouxe-o para o Rio de Janeiro seu tio e protetor, o senador Teodoro Alves Pacheco, cujo nome adotou em reconhecimento pelo tratamento paternal que sempre lhe dispensou. Aos 12 anos, matriculou-se no Colégio Militar do Rio de Janeiro, onde fez humanidades, e depois cursou a Faculdade de Direito.

Em 1897, ingressou no jornalismo, como repórter de *O Debate*. Dois anos depois, pela extinção daquele periódico, passou para o *Jornal do Comércio*, do qual se tornou diretor-proprietário até vir a falecer, 36 anos depois. Em 1908, casou-se com a Sra. Dora Rodrigues, a exemplar companheira de uma vida de lutas e de trabalho, e tiveram duas filhas: Ignez (Igneza) e Martha.

Foi o fundador e primeiro diretor do Gabinete de Identificação e Estatística da Polícia do Distrito Federal, hoje Instituto Félix Pacheco, e foi o introdutor, no Brasil, do sistema datiloscópico de identificação. Representou por muitos anos o Estado do Piauí, primeiro na Câmara e depois no Senado da República. No governo de Artur Bernardes, foi ministro das Relações Exteriores.

Os primeiros versos que publicou saíram com o título de *Chicotadas* e o subtítulo de “poesias revolucionárias” (1897). Proclamava neles guerra à Espanha e convidava os povos latinos a batem-se contra os Estados Unidos. Ao enumerar, porém, mais tarde, a sua produção poética, Félix Pacheco nunca mais fez referência a essas composições da mocidade. Por isso pode-se considerar *Via Crucis*, de 1900, a sua verdadeira estréia poética.

Suas outras obras poéticas são: *Mors-Amor* (1904); *Luar de amor* (1906); *Poesias* (1914); *Ignezita* (1915); *Martha* (1917); *Tu, só tu* (1917); *No limiar do outono* (1918); *O pendão da taba verde* (1919); *Lírios brancos* (1919); *Estos e pausas* (1920); *Poesias* (1932, edição definitiva, em duas partes intituladas *Variações sobre a beleza* e *Armonial do sonho; Ignezita e Martha*); *A aliança de prata* (1933); *Descendo a montanha* (1935).

Como publicista, Félix Pacheco deixou também uma produção importante, em que, além de conferências e discursos, contam-se os seguintes volumes: *O périplo de Hannon*, monografia sobre José Bonifácio (1900); *Dois egressos de farda*, estudo crítico sobre Euclides da Cunha e Alberto Rangel (1909); *Em louvor de Paulo Barreto* (1921); *A “Canaã” de Graça Aranha* (1931); *Robres e Cogumelos*, sobre José do Patrocínio e os pigmeus da imprensa (1932); *Duas charadas bibliográficas* (1932); *A Academia e os seus problemas* (1935).

3. Félix Pacheco: sementeiro d’As Flores

Ainda que o jornalismo tenha sido a escola em que se disciplinou na experiência e que o projetou no cenário nacional, Felix Pacheco distinguiu-se também nas letras, criando, como poeta, um nome que o liga à segunda geração dos poetas simbolistas brasileiros. Com Saturnino de Meireles, Gonçalves Jácome, Maurício Jubim e Castro Meneses, muito trabalhou pelo movimento, colaborando ativamente na *Revista Rosa-Cruz* (1901-1904), de Saturnino de Meireles.

Alfredo Bosi ainda arrola outros colaboradores dessa revista: C.D. Fernandes, Tavares Bastos, Pereira da Silva, Tibúrcio de Freitas, Rocha Pombo, e diz que “há em quase todos uma exasperação da maneira baudelaireana do Cruz e Sousa inicial, quer no modo de conceber as relações entre corpo e alma, quer na pôse estetizante, pseudomística.” (BOSI, 1972, p. 315)

Eleito em 11 de maio de 1912 para a Cadeira 16 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Araripe Júnior, foi recebido em 14 de agosto de 1913, pelo acadêmico Sousa Bandeira. Foi o primeiro simbolista a ser aceito pela Academia, muito fazendo para que o Simbolismo fosse também aceito oficialmente, pronunciando vários discurso sobre Baudelaire e sua estética, sendo que alguns deles se tornaram livros.

A partir de 1931, Félix Pacheco traria à tona vários baudelaireanos mais ou menos ilustres, como Mário Abrantes (Pseud.), de quem publicou “Recolhimento”; Olavo (Otávio) Augusto, e o seu “A vida anterior”; Elmano Cardim (Jean De Saint-Malo), de “Sepultura de um poeta maldito”; Manuel Carlos, de “A máscara”; Antônio Define, de “O albatroz” e “A gigante”; Erastro, que traduziu sete poemas (“Benção”, “Une charogne”, “A musa venal”, “A vida anterior”, “O sino rachado”, “O gato” e “Os gatos”); Lindolfo Gomes, de “Os gatos”; José Gonsalves, com quatro poemas (“O albatroz”, “A vida anterior”, “O homem e o mar” e “Perfume Exótico”); o desconhecido M. N, com o seu “Perfume exótico”; e Eduardo Tourinho, de “O Homem e o Mar”. Infelizmente não foram encontradas quaisquer outras referências desses poetas e tradutores nas histórias da literatura brasileira consultadas e seus poemas foram apresentados por Pacheco a título de comparação dentro das discussões propostas em seus livros sobre Baudelaire.

Traduziu, comentou e estudou largamente a obra de Baudelaire, do ponto de vista biobibliográfico, crítico e literário. Essa atividade literária foi coroada com o discurso que o tradutor pronunciou em 24 de novembro de 1932, intitulado “Baudelaire e os milagres do poder da imaginação”, ao mesmo tempo em que se comemoravam 10 anos da Semana de Arte Moderna e de Modernismo. Traduzir e publicar Baudelaire nesse momento parece provocativo e serve como exemplo de resistência a uma estética com poucos rigores formais e mais liberal, que era o Modernismo. Esse discurso foi publicado no ano seguinte, quando também foram publicados os volumes *O mar através de Baudelaire e Valéry*, *Paul Valéry e o monumento a Baudelaire em Paris* e *Baudelaire e os gatos*, todos publicados nas editoras do *Jornal do Comércio* entre 1933 e 1934.

Com esses livros e com a freqüente divulgação de poemas e traduções de Baudelaire no *Jornal do Comércio*, Felix Pacheco promoveu uma densa retomada da poesia do mestre francês e de seu livro *Les Fleurs du mal*, trazendo a tona diversos poetas que seriam considerados apenas por ele mesmo e ninguém mais.

Ele mesmo traduziu trinta e dois poemas do livro francês, se tornando o poeta brasileiro que

publicou o maior número de traduções até então, visto que já havia a edição portuguesa de Delfim Guimarães, publicada em 1912, com a tradução dos primeiros oitenta e um poemas do livro francês na mesma ordem da edição de 1861.

Em seus poemas buscou mais preservar uma leitura característica do Simbolismo da obra de Baudelaire, traduzindo aqueles nos quais se exaltavam a mulher e o exotismo. Os poemas de *Les Fleurs du mal* que traduziu são os seguintes: ‘Benção’, ‘O albatroz’, ‘Sublimação’ (título dado pelo tradutor ao poema ‘*Elevation*’), ‘Correspondências’, ‘Musa enferma’, ‘Musa venal’, ‘O mau monge’, ‘O inimigo’, ‘O azar’, ‘A vida anterior’, ‘Zingaros em marcha’ (‘*Bohemiens en voyage*’), ‘O homem e o mar’, ‘Dom Juan nos infernos’, ‘A beleza’, ‘O ideal’, ‘Perfume exótico’, ‘Uma carniça’, ‘Remorso póstumo’, ‘O gato (XXXIV)’, ‘Alba espiritual’, ‘O gato (LI)’, ‘Sisina’, ‘A uma branca dos trópicos’ (‘*A une dame crèole*’), ‘Tristeza da lua’, ‘Os gatos (LXVIII)’, ‘Os mochos’, ‘O cachimbo’, ‘Sepultura de um poeta maldito’, ‘O sino rachado’, ‘*Le couvercle*’, ‘Lamentações de um Ícaro’, e ‘A uma passante’

No entanto, como chama a atenção Clemmence Jouët-Pastré, “Pacheco privilegiou aspectos formais em detrimento dos semânticos e, desse modo, foi de encontro com a facção modernista que na época propalava as virtudes da liberdade formal” (JOUËT-PASTRÉ, 1999, p. 125). Pode parecer que a influência de Baudelaire teria se abalado com o advento do Modernismo, em 1922, mas o resgate promovido por Pacheco no início da década de 30 fez com que ainda se mantivesse um interesse e uma reiterada relevância da obra do poeta francês.

Em sua tese de doutorado, Clemmence Jouët-Pastré analisa o poema “Correspondências”, lido naquele discurso de 1932 e publicado primeiro no *Jornal do Comércio* e depois no livro *Baudelaire e os milagres do poder da imaginação*, em 1933. Ela acredita que Pacheco escolhera esse poema, e ainda “*Elèvement*”, para finalizar seu discurso, pois teriam grande importância para o movimento simbolista, servindo mesmo de postulado e manifesto.

4. Baudelaire e Pacheco: um diálogo para além do mar

O poema escolhido para a minha análise, “*L’Homme et la Mer*”, serve para se refletir sobre como se manifestou outro aspecto dessa recepção dirigida por Pacheco, visto que esse é um dos três poemas mais traduzidos do livro *Les Fleurs du mal*, além de “*L’Albatroz*” e “*Parfum Exotique*”.

Publicado originalmente em outubro de 1852, na *Revue de Paris* (BAUDELAIRE, 1968, p. 52), parece ser um dos mais significativos do ideal buscado pelo poeta francês. Talvez seja justamente a combinação anunciada já no título, e ainda dos aspectos meta-poéticos com a temática marinha, que despertou o interesse de vários poetas e tradutores brasileiros, expressando uma vontade do eu de ir além para encontrar a si mesmo.

Muitos poetas, assim como Felix Pacheco, vislumbrando a paisagem carioca, presenciando a urbanização e o advento da modernidade da cidade do Rio de Janeiro, e passando pela própria constituição da história do Brasil, assinalaram sua intenção de fuga pelo mar e da busca de si mesmo traduzindo poemas de Baudelaire que mais se identificavam com a sua realidade.

O mar se constitui como um forte tema dentro do livro de Baudelaire, aparecendo em diversos poemas. Já chama a atenção o próprio Félix Pacheco sobre isso em outro livro seu, *O mar através de Baudelaire e Valéry*:

O mar, sempre o mar, carregando para longe os desesperos luminosos da grande musa parisiense, e oferecendo-lhe nos trópicos o bálsamo cálido e penetrante que o consolasse das perversões civilizadas da beira do Sena, dando-lhe em troca, o impulso sensual nativo embalador, disperso nos perfumes acres e no colorido forte da natureza equatorial luxuriante e bela (PACHECO, 1933B, p. 34)

Félix Pacheco também chama a atenção para o quanto o mar vem sendo um motivo fundamental dentro da literatura brasileira, percebido em poemas de Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Teófilo Dias, Vicente de Carvalho e Alberto de Oliveira. O que se tem é que esse poema francês o foi largamente traduzido no Brasil: além do próprio Félix Pacheco, também por Batista Cepelos,

Clodomiro Cardoso, Augusto de Lima, Eduardo Guimaraens, Eduardo Tourinho, José Gonsalves, Hélió C. Teixeira, Mauro Mendes Villela, Ivo Barroso e por um anônimo “Piauihense que começa”. Como se disse, a maior parte desses poemas foi apresentada apenas por Felix Pacheco primeiro no *Jornal do Comércio* e depois recolhida nos livros já citados.

Eis então o poema de Baudelaire “*L’Homme et la Mer*” e a tradução de Félix Pacheco “O homem e o mar”:

L’Homme et la Mer

*Homme libre, toujours tu chériras la mer!
La mer est ton miroir; tu contemples ton âme
Dans le déroulement infini de sa lame,
Et ton esprit n'est pas un gouffre moins amer.*

*Tu te plais à plonger au sein de ton image;
Tu l'embrasses des yeux et des bras, et ton cœur
Se distraît quelquefois de sa propre rumeur
Au bruit de cette plainte indomptable et sauvage.*

*Vous êtes tous les deux ténébreux et discrets:
Homme, nul n'a sondé le fond de tes abîmes;
O mer, nul ne connaît tes richesses intimes,
Tant vous êtes jaloux de garder vos secrets!*

*Et cependant voilà des siècles innombrables
Que vous vous combattez sans pitié ni remords,
Tellement vous aimez le carnage et la mort,
O lutteurs éternels, ô frères implacables!*

O Homem e o Mar

ao Barão de Ramiz Galvão

Terás sempre, homem livre, afeição pelo mar!
Contempla-o! É o teu espelho. A alma se te propaga,
Dentro dele, a rolar, no infinito da vaga.
Nem menos atroz é o abismo a envolver teu pensar.

Agrada-te imergir de pleno em tua imagem,
Com o braço e o olhar cingindo o oceano. O coração
Muita vez espairose a própria inquietação
Ao quaiar do queixume indomado e selvagem.

Sois na verdade um e outro a discrição e o horror.
Homem, ninguém te sonda o arcano que represas,
Ninguém te sabes, ó mar, o recesso às riquezas,
Tão zelosos guardais o segredo ao rumor!

Os séculos porém já lá vão incontáveis,
Que, sem remorso ou pena, os dois vos combateis,
Tamanho é o amor que à morte e à carnagem rendeis,
Lutadores sem termo, ó irmãos implacáveis!
(PACHECO, 1933B, p. 11)

Mais uma vez Baudelaire é o poeta dos equilíbrios paradoxais: o **homem** e o **mar** são dispostos ao mesmo tempo como antagonistas e complementares, sendo que essa idéia de que o mar é um espelho que reflete o homem trata de um tema caro ao Romantismo em geral, como chama a aten-

ção Claude Pichois:

Pour le thème, l'océan miroir de l'homme, l'édition Crépét-Blin propose des rapprochements avec Byron (Le Pèlerinage de Childe Harold, IV, CLXXIX-XLXXXIV), Heine (Le Retour, VIII), Balzac (L'Enfant maudit). Thème romantique, donc, qui met l'accent sur la correspondance. (BAUDELAIRE, 1975, p. 867)¹

Já no primeiro verso vê-se um exemplo claro desse equilíbrio paradoxal: *Homme libre, toujours tu chériras la mer!*; note-se a equidistância entre os termos *homme* e *mer* e a oposição de idéias quase que antagônicas que podem ser suscitadas por *libre* e o verbo *chériras*, apoiadas no eixo *toujours*, marcando o tempo infinito e infatigável. Parece estar dito assim como um veredicto inquestionável, apesar de livre, o homem sempre irá querer o mar, como que marcado pelo destino, reforçado ainda graficamente pelo ponto de exclamação.

Depois ao longo da estrofe define qual é a principal relação que se dará entre esses dois atores do destino: *La mer est ton miroir; tu contemples ton âme / Dans le déroulement infini de sa lame*, versos 2 e 3. Novamente uma forte oposição paradoxal e ao mesmo tempo de completude necessária se manifesta entre as palavras *âme* e *lame*: no espelho que é o mar, instrumento caro a Baudelaire para demonstrar o duplo da existência e ao mesmo tempo a impossibilidade de sua união. O homem pode contemplar sua alma no desenrolar da lama do mar. O espelho garante a incompreensão daquilo que reflete, assim como o homem está fadado a voltar à lama.

Por fim outra comparação: *Et ton esprit n'est pas un gouffre moins amer*. Ambos são profundos abismos, e mais do que isso, ambos são amargos: o estado de tédio eterno pode aqui ser dimensionado, manifestando um possível estado de espírito do eu-lírico, que manifesta por sua vez a necessidade da fuga de si mesmo através do mar. Mas mesmo assim já reconhece que ela não será satisfatória.

Essa idéia de insatisfação eterna é então desdobrada na segunda estrofe. As atitudes que o homem toma frente ao mar apesar de inconseqüentes parecem ao mesmo tempo prazerosas. Como se lê no verso 5: *Tu te plais à plonger au sein de ton image*; o homem paradoxalmente se compraz de chorar frente a visão da própria imagem, que ao mesmo tempo que é tornada visível se mostra incompreensível.

Depois nos versos seguintes, apesar de pensar ter o poder de envolver essa imagem, *Tu l'embrasses des yeux et des bras, et ton cœur*, resigna-se e se distrai de sua própria dor - *Se distrait quelquefois de sa propre rumeur* - pois o barulho do mar - *Au bruit de cette plainte indomptable et sauvage*. - tomado desses adjetivos torna insignificante o seu pranto. Os verbos conjugados no presente manifestam um estado de imobilidade que reforça a idéia da insatisfação, de um tédio eterno implacável mesmo dentro desse ideal infinito que é dimensionado pelo mar.

Depois, na segunda metade do poema, o eu-lírico passa a apontar as coincidências entre os dois elementos: *Vous êtes tous les deux ténébreux et discrets*, diz no verso 9, sendo que os adjetivos marcam novamente a impossibilidade de sua compreensão, seguindo uma linha clara de raciocínio que buscar evidenciar o absurdo da existência.

Nos versos seguintes: *Homme, nul n'a sondé le fond de tes abîmes; / O mer, nul ne connaît tes richesses intimes*, separa novamente homem e mar, e associa *le fond de tes abîmes* com *richesses intimes* como aquele local onde poderiam ser compreendidos, mas que ao mesmo tempo é distante e inalcançável, visto que esse segredo lhe é muito caro, chegando ao absurdo de ter ciúme de si mesmo, como conclui o verso 12: *Tant vous êtes jaloux de garder vos secrets!*

Por fim na quarta estrofe fecha um ciclo que demonstra a completude e a necessidade infinita que um tem do outro frente à impossibilidade da compreensão e da impassibilidade do eu-lírico. Conclui-se então a sentença eterna no verso 13: *Et cependant voilà des siècles innombrables*, através do tempo infatigável. Ambos combaterão por possuírem o mesmo instinto primordial: *Que vous*

¹ Para o tema, o oceano espelho do homem, a edição Crépét-Blin propõe aproximações com Byron (a Peregrinação de Childe Harold, IV, CLXXIX-XLXXXIV), Heine (o Regresso, VIII), Balzac (A Criança maldita). Tema romântico, por conseguinte, que coloca a tônica sobre a correspondência.

vous combattez sans pitié ni remords, / Tellement vous aimez le carnage et la mort, versos 14 e 15.

Finalmente o veredicto se torna um brado que mais uma vez demonstra um equilíbrio formado por idéias paradoxais: *O lutteurs éternels, ô frères implacables!* Ambos são lutadores eternos, numa luta sem fim em que nunca sairão um vitorioso e um derrotado, uma luta destituída do objetivo da vitória, visto que é eterna. Depois, são irmãos implacáveis, que nunca vão se satisfazer, que são iguais e se equivalem.

Através do mar pode-se encontrar a si mesmo, saindo dessa realidade, buscando outras: a vastidão do mar é a vastidão do próprio homem. Paul Valéry parece confirmar essas idéias quando reflete sobre o interesse expressivo do homem pelo mar e sua relação com ele, sendo que dessa relação nasceriam duas idéias bem simples:

L'une, de fuir: de fuir pour fuir, idée qu'engendre une étrange impulsion d'horizon, un élan virtuel vers le large, une sorte de passion ou d'instinct aveugle du départ. L'âcre odeur de la mer, le vent salé qui nous donne la sensation de respirer de l'étendue, la confusion colorée et mouvementée des ports communiquent une inquiétude merveilleuse. (...) L'autre idée est peut-être cause profonde de la première. On ne peut vouloir fuir que ce qui recommence. La redite infinie, la répétition toute brute et obstinée, le choc monotone et la reprise identique des ondes de la houle qui sonnent sans répit contre les bornes de la mer, inspirent à l'âme fatiguée de prévoir leur invincible rythme, la notion tout absurde de l'Éternel Retour. (PACHECO, 1933B, p. 55)²

É justamente essa busca e encontro de si mesmo que noto ser cara também nesse momento aos tradutores brasileiros. No entanto esse poema foi muito modificado por Félix Pacheco e pelos outros poetas que o traduziram, sendo notórias as diferenças já na primeira estrofe.

Pode-se notar no poema francês a oposição/complementação entre o homem e o mar, que parece parte importante de sua significância. No entanto, observando as várias traduções pode-se encontrar uma série de desvios dessa oposição. Nenhum poeta vai de fato traduzir nem o primeiro verso exatamente com a mesma sintaxe, bem possível em língua portuguesa, como no poema francês *Homme libre, toujours tu chériras la mer!*, o qual se pode demonstrar literalmente por “Homem livre, sempre tu adorarás o mar!”

Muitas foram as modificações. Tratarei então daquelas que me pareceram mais relevantes para a compreensão desse momento da recepção do livro francês, essas modificações nem sempre são comprometedoras ou se destacam do original.

Batista Cepelos, José Gonsalves e Hélio C. Teixeira trocam o mar por oceano mudando já uma assonância que poderia ser preservada em português – *l'homme x la mer*, o homem x o mar, bem como o equilíbrio equidistante do verso francês. Eis os versos desses três poetas, respectivamente:

Homem, sempre amarás o oceano livre e largo,
O oceano é teu espelho; a tua alma se affaga
Nesse desenrolar infinito da vaga,
E seu seio não é menos profundo e amargo.
Tradução de Batista Cepelos
(PACHECO, 1933B, p. 43)

Homem livre, has de amar eternamente o oceano!
É o teu espelho o mar; tua propria alma sondas

² Uma, de fugir: de fugir por fugir, idéia que gera uma estranha impulsão de horizonte, um ímpeto virtual ao largo, uma espécie de paixão ou instinto cego da partida. O acre odor do mar, o vento salgado que nos dá a sensação de respirar da extensão, a confusão colorida e movimentada dos portos comunicam uma inquietude maravilhosa (...) A outra idéia é talvez causa profunda da primeira. Pode-se querer fugir daquilo que recomeça. O redizer infinito, a repetição muito bruta e obstinada, o choque monótono e a retomada idêntica das ondas da ondulação que tocam sem descanso contra os limites do mar, inspiram a alma cansada de prever o seu invencível ritmo, a noção absurda do Eterno Retorno.

Na eterna agitação infinita das ondas,
Tambem amargo abysmo ha no espirito humano.
Tradução de José Gonsalves
(PACHECO, 1933B, p. 45)

Homem livre, hás de amar eternamente o oceano!
O oceano é teu espelho, e contemplas tua alma
no seu desenrolar que, num tumulto insano,
como o teu coração, jãmais conhece a calma!
Tradução de Hélio C. Teixeira
(PACHECO, 1933B, p. 48)

Outros poetas vão perder de vista a idéia do verbo *cherirás* transformando-o de várias maneiras, por vezes amenizando a relação, como se pode ver nos versos de Clodomiro Cardoso, ou nos de Augusto de Lima e nos de Eduardo Guimaraens:

Para sempre, homem livre, ha de o mar ser-te caro,
É teu espelho o mar; tua alma vês e sondas
No infindo desdobrar das suas livres ondas.
O teu espirito é, como elle, abysmo amaro.
Tradução de Clodomiro Cardoso
(PACHECO, 1933B, p. 49)

Homem livre, has de ser sempre amigo do mar,
o mar é teu espelho, ahi vês tua alma ao largo,
dos grandes lamaões no infinito rolar:
- nem teu espírito é menos profundo e amargo.
Tradução de Augusto de Lima
(PACHECO, 1933B, p. 51)

Homem livre, tu sempre has de querer ao mar!
Nele um espelho vês, contemplas a tua alma
no infindo revolver da vaga crespa ou calma
e amargo abismo é o teu, si te pões a pensar.
Tradução de Eduardo Guimaraens
(PACHECO, 1933B, p. 53)

Alguns trocaram de forma mais feliz o desejo pelo amor, fortalecendo em língua portuguesa os vínculos do homem com o mar, e ainda mantendo a sintaxe equilibrada, como se pode ver nos versos de Eduardo Tourinho e nos do incógnito “Um piauiense que começa”:

Homem livre, has de amar, eternamente, o mar!
Contemplas, nesse espelho, alegrias e maguas;
E tua alma reflecte a revolta das aguas;
E teu ser – golpho amargo – é vedado sonhar...
Tradução de Eduardo Tourinho
(PACHECO, 1933B, p. 54)

Homem livre, amarás eternamente o mar;
O Mar é teu espelho. E contemplarás tu'alma,
No seu arfar eterno, ora em furia ora em calma.
Nem teu viver ahi menos ha de amargar...
Tradução de “Um piauiense que começa”
(PACHECO, 1933B, p. 55)

O mesmo tipo de transformação vai ocorrer ainda no último verso - *O lutteurs éternels, ô*

frères implacables! - sendo resolvida de forma mais satisfatória, do ponto de vista da sintaxe, justamente por aquele “Um piauiense que começa”: Eternos lutadores, ó irmãos implacáveis!. Pode-se notar então que apesar da temática marinha chamar a atenção, vários tradutores abrem mão de palavras fundamentais para a significância do poema, muitas vezes em nome de resultados por ventura pouco felizes.

Algumas considerações

Partindo sempre da idéia de que não há tradução perfeita, absolutamente correta, eterna e unanimemente aceitável, e que toda tradução é sempre uma recriação, sendo que a fidelidade ao texto diz respeito a uma interpretação do texto de partida, que será sempre produto da língua, da cultura e da subjetividade do tradutor, posso considerar que é no equilíbrio entre a preservação de uma poeticidade original e a recriação de uma nova poeticidade que opera a arte da tradução, tornando possível a compreensão e estendendo de diversas formas a realização de uma obra literária.

Tendo em vista que a tradução é uma forma privilegiada de concretização da obra literária, acompanhando as diversas traduções de um texto ao longo da história da literatura pode-se observar que essa repercussão sempre está delimitada pelo momento literário de quem a realiza. A repercussão da obra literária está ligada a uma avaliação estreitamente ligada à percepção estética, pressupondo, portanto, critérios de julgamento que, entretanto, não são constantes, isto é, tanto os critérios de avaliação quanto os valores literários se transformam constantemente.

Posso chegar assim à conclusão de que essas idéias podem ser aplicadas diretamente à tradução: não há apenas uma maneira de traduzir, podendo a obra estar sujeita a múltiplas avaliações, durante as quais sua forma na consciência de quem a apreende (sua concretização) está em constante mudança, da mesma forma que quaisquer teorias a respeito do ato tradutório também estariam sujeitas à essas avaliações.

O conjunto de textos produzidos por Felix Pacheco sobre a obra do poeta francês Charles Baudelaire faz parte de um conjunto maior, o da primeira recepção desse importante autor estrangeiro, que se encontra esquecido pela crítica e desconhecido do público leitor, seja ele acadêmico ou não. Chamar a atenção para estas traduções e estudos pode não só trazer um novo olhar sobre o livro francês, mas também preservar a produção periférica da nossa literatura, fundamental para o desenvolvimento de qualquer cultura.

Referências Bibliográficas

BARBOZA, Onédia Célia de Carvalho. **Byron no Brasil: traduções**. São Paulo: Ática, 1974. (Ensaios, 12)

BASTOS, Cassiano Tavares. **Baudelaire no idioma vernáculo**. Rio de Janeiro: São José, 1963.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Tradução, introdução e notas de Jamil Almansul Haddad. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1958.

BAUDELAIRE, Charles. **As Flores do Mal**. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUDELAIRE, Charles. **Oeuvres Complètes**. Préface, présentation et notes de Marcel A. Ruff. Paris: Aux Éditions du Seuil, 1968.

BAUDELAIRE, Charles. **Oeuvres Complètes**. Texte établi, présenté et annoté par Claude Pichois. Paris: Gallimard, 1975.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

CANDIDO, Antonio. “Os primeiro baudelairianos”. In: **A educação pela noite**. São Paulo: Ática, 1987. pp.23-38.

COUTINHO, Afrânio e COUTINHO, Eduardo de Faria. **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio/Eduff, 1986.

JOUËT-PASTRÉ, Clémence Marie Chantal. **Jogos de poder nas traduções brasileiras dAs Flores do Mal**. São Paulo, 1999. Tese de Doutorado – Programa de Pós-graduação em Letras, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MEIRELLES, Ricardo. **Entre brumas e chuvas: tradução e influência literária**. Campinas, 2003. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Teoria e História da Literatura, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas.

MAGALHÃES Junior, Raimundo. **Antologia de Poetas Franceses. Do século XV ao Século XX**. Rio de Janeiro: Tupy, 1950. (1a. ed. 1933).

MARIANO, Olegário. **Antologia de tradutores**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1933.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1968. Roteiro das Grandes Literaturas. Vol. IV. O Simbolismo (1893-1902).

MURICY, Andrade. **Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro**. Rio de Janeiro: Depto. de Imprensa Nacional, 1952.

PACHECO, Félix. **Do sentido do azar e do conceito da fatalidade em Charles Baudelaire**. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1932.

PACHECO, Félix. **Baudelaire e os milagres do poder da imaginação**, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1933A.

PACHECO, Félix. **O mar através de Baudelaire e Valéry**. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1933B.

PACHECO, Félix. **Paul Valéry e o monumento a Baudelaire em Paris**. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1933C.

PACHECO, Félix. **Baudelaire e os gatos**, Rio de Janeiro, 1934.

PACHECO, Félix. “Baudelaire nas traduções brasileiras”, in **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 12.02.1933.

PACHECO, Félix. “Os tradutores brasileiros de Baudelaire”, in **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 07.05.1933

PACHECO, Félix. “Baudelaire e Luís Delfino”, in **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 24.12.1934.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira. Seus fundamentos econômicos**. 2a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1940.

¹ **Ricardo MEIRELLES, Doutorando** em Letras, Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, meirell@yahoo.com.